

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

VALÉRIA MARIA FRIAS MARTINI

MÉDICOS DO CORPO E DA ALMA

As práticas de incubação na antiguidade e o papel dos sonhos no
processo de cura

SÃO PAULO

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

VALÉRIA MARIA FRIAS MARTINI

MÉDICOS DO CORPO E DA ALMA

As práticas de incubação na antiguidade e o papel dos sonhos no
processo de cura

**Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para graduação no curso de
Psicologia, sob orientação da Dra. Flávia
Arantes Hime**

SÃO PAULO

2016

Aos meus filhos Victor e Laura, os maiores incentivadores desta aventura, muito antes de ter começado.

Aos meus pais que sempre, passado o susto, se empolgam com nossos projetos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à PUC-SP por todo o aprendizado, pelos professores incríveis que tive e que me mostraram que eu gostava de muito mais coisas do que eu imaginava. Aos colegas que se tornaram amigos queridos, muitos, que quero levar para a vida.

Minha gratidão, em especial, às professoras que me orientaram desde o começo deste projeto, por compartilharem seu conhecimento, por seu apoio carinhoso e paciência quando escrever ficou difícil. Rosa Maria Tosta no primeiro esboço, Luisa de Oliveira pelas dicas e o último pitaco no trabalho; Marina Boccalandro Rojas pelas orientações nas possibilidades de caminhos, por ter escutado e acolhido meu entusiasmo, e principalmente por ter me ajudado a achar um recorte. Last but not least, Flávia Arantes Hime pelas orientações e dicas, pelo apoio, disponibilidade e entusiasmo. A todas, pela companhia cuidadosa nesta longa caminhada para concluir o TCC.

Muita gratidão pela maravilhosa família próxima e expandida que tenho a sorte de ter, sem a qual nada disto teria sido possível. Amo todos vocês.

Agradeço a Cassia Rocha por se adiantar à minha necessidade e carinhosamente se oferecer para fazer traduções do inglês; aos amigos Henrique Panzarelli e Iannis Mimidis, a quem importunei com muitas perguntas e pedidos de traduções e explicações do grego. Gratidão a César Polcino por tantos anos de conversas sobre o Egito. A Marianne Ligeti pela inspiração dos primeiros tempos; a Danielle Pisani de Freitas pelos anos de escuta serena e carinhosa.

Agradeço também aos tantos amigos e amigas pelo apoio, incentivo e torcida, com quem compartilhei as alegrias e a aflição quando no final de semana não cabia todo o trabalho a ser feito; a Marta, Luci, Ivana, Rosângela, todas as Anas, amigas que entenderam minha ausência, torceram e me apoiaram de longe.

A todos, minha gratidão pela companhia próxima ou distante durante a caminhada.

Valéria Maria Frias Martini: Médicos do corpo e da alma: As práticas de incubação na antiguidade e o papel dos sonhos no processo de cura, 2016.

Orientadora: Dra. Flávia Arantes Hime

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo fazer uma revisão da literatura sobre os rituais de incubação de sonhos nos templos da Grécia antiga e relacionar suas práticas a algumas ideias sobre a importância dos sonhos no processo de cura desenvolvidas pela psicologia analítica. Partiu-se da figura de Asclépio, o deus grego da cura e imagem arquetípica do médico ferido, para analisar as práticas de incubação de sonhos executadas em seus templos e em outros templos gregos da antiguidade. Apresentamos primeiramente a diversidade de deuses e templos para depois contar o mito de Asclépio, o mais conhecido deus de cura na Grécia, que vai justificar os numerosos templos dedicados a ele. Em seguida são apresentados os diversos aspectos relacionados aos templos como espaços sagrados, sendo: localização e arquitetura, as epifanias e rituais ligados a sua fundação (transladação) e suas regras de pureza. Descritas as características do espaço passamos a relatar alguns detalhes sobre os rituais de incubação no templo de Asclépio em Epidauro e no oráculo de Trofônio. Deste, decidiu-se reproduzir na íntegra um raro relato de experiência de incubação, junto com inúmeros relatos de cura que se deram nos templos de Asclépio. Esses relatos de sonhos e de curas vão relacionar-se com o uso terapêutico dos sonhos na psicologia analítica e seu papel nos processos de cura.

Palavras-chave: incubação de sonhos, cura, Grécia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 MÉTODO	13
3 SONHOS E INCUBAÇÃO DE SONHOS NA ANTIGUIDADE	14
4 O MITO DE ASCLÉPIO – Imagem arquetípica do curador ferido	17
5 TEMPLOS DE CURA E INCUBAÇÃO DE SONHOS NA GRÉCIA ANTIGA	20
6 ASCLÉPIO E OS ASCLEPIEION	23
6.1 Translatio	24
6.2 Arquitetura	29
7 RITUAIS DE INCUBAÇÃO EM EPIDAURO E NO ORÁCULO DE TROFÔNIO	32
7.1 Katábasis – A descida no culto a Trofônio	35
7.2 Anábase – A subida	36
7.3 Relatos de sonhos de cura	39
7.4 Relato da experiência de incubação de Timarco no oráculo de Trofônio	40
8 SONHOS NA PSICOLOGIA ANALÍTICA	45
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	51

Ele (o deus) criou remédios para curar doenças, vinho para curar a tristeza, e criou sonhos para guiar o que sonha — se ele for cego (ou seja, se não enxergar seu rumo na vida) (Papyrus Insinger apud Oppenheim, p. 239)

1. INTRODUÇÃO

Onde quer que um homem sonhe, profetize ou poetize, outro se ergue para interpretar. (Ricoeur apud Menezes)

Nunca será demais ou mesmo suficiente falar sobre a importância dos sonhos. Qualquer que seja o ponto de vista que se eleja para estudá-los, o assunto não estará esgotado. Sabemos que os primeiros registros conhecidos são muito remotos; sonhos e intérpretes de sonhos sempre existiram. Ainda que muito distantes no tempo e na forma de atuar, é possível pontuar algumas semelhanças entre a lógica que definia as práticas na antiguidade e algumas linhas médicas e práticas terapêuticas da contemporaneidade. O principal ponto a destacar é a possibilidade de trabalhar com os sonhos, material tido como recurso de inestimável valor no processo de cura tanto dos males do corpo como os da alma, como foi na antiguidade e pode ser agora.

Antes de tudo, devemos evitar especulações e teorias ao lidarmos com processos tão misteriosos como os sonhos. Não devemos esquecer que durante milhares de anos homens inteligentes de grande conhecimento e experiência tiveram as mais diversas concepções sobre esse assunto. Foi apenas bem recentemente que inventamos a teoria que os sonhos não são nada. Todas as outras civilizações tiveram ideias bem diferentes. (Jung, 1972, p.116)

No decorrer da história vimos mudanças na aparência dos conteúdos dos sonhos na esteira das transformações na cultura, bem como foram mudando aqueles que se ocupavam da tarefa de interpretá-los, sucedendo-se oráculos, sacerdotes, filósofos, neurologistas, psiquiatras, psicólogos e neurocientistas. Freud e Jung apoiados em seus estudos e práticas clínicas, voltaram sua atenção para os antigos rituais e as vivências simbólicas do homem na antiguidade, reconhecendo sua importância e valor. Na contramão do pensamento e da prática médica de sua época, ambos passaram a trabalhar desde suas primeiras formulações teóricas rastreando vestígios de uma possível relação entre conteúdos psíquicos e o aparecimento de sintomas, físicos ou psíquicos, em pacientes com patologias de diferentes graus de severidade.

Jung e Freud tiveram encontros e desencontros teóricos durante a formulação de suas teorias, até o ponto em que cada um seguiu seu próprio caminho. Apesar disso, chegaram a uma mesma conclusão sobre a importância dos sonhos. Freud os considerava o Caminho Real para acessar conteúdos do Inconsciente e Jung, em suas palavras, disse que os sonhos são indiscutivelmente o caminho privilegiado para acessar os conteúdos mais profundos e pessoais que se encontram no Inconsciente, que manifestam-se preferencialmente através de imagens oníricas. (Jung, Face to face) Esses símbolos, portadores de importantes mensagens do Inconsciente, poderão então ser trabalhados e decodificados por analista e paciente juntos, revelando conteúdos que contribuirão para um melhor entendimento dos seus significados, somando elementos ao processo terapêutico. (Jung, s/d)

Jung vai além, dizendo que alguns sonhos especiais podem conter imagens arquetípicas e, como tal, extrapolam o campo pessoal, trazendo mensagens com conteúdos do âmbito do coletivo. Apesar do caráter inovador dessas ideias à época, o uso terapêutico dos sonhos não era exatamente novidade.

Coligi muitos gêneros de adivinhação; fui o primeiro a distinguir entre os sonhos quais hão de tornar-se realidade; interpretei para eles os presságios obscuros e os agouros surgidos nos caminhos...(Ésquilo, Prometeu Acorrentado, apud Menezes).

O ser humano de todos os tempos esteve às voltas com os mistérios da vida e da morte, numa busca incansável por desvendar seus segredos e sondar seus desígnios. Historicamente vemos que os meios utilizados nem sempre foram os mesmos, variando com o espírito da época, assim como as hipóteses, teorias, os detentores do conhecimento e da sabedoria. Na antiguidade como agora, nos sentimos atraídos pelo desconhecido e ao mesmo tempo ameaçados pelo imponderável. Nossas preocupações são basicamente as mesmas, tudo está onde sempre esteve. Precisamos garantir o sustento da família, escapar das epidemias, da fome, da guerra e até das excessivas exigências da cultura. Adoecemos pelos inúmeros estresses da vida que nos tiram o sossego porque perdemos um ente querido, o emprego, ficamos temporariamente perturbados e desnorteados; enfim, enlouquecemos um pouco.

A busca pela cura essencialmente não mudou muito, mas a ciência avançou bastante. Os textos do período sobre o qual focaremos nosso olhar, nos falam de profissionais que eram “médicos” (*iatros* em grego, *swnw* em egípcio) e de sacerdotes

dos templos, ambos dedicados às artes da cura. Os textos antigos nos dizem que quando o médico humano não conseguia solucionar um problema, recorria-se ao médico divino em busca da cura, dita milagrosa. Nos Templos dedicados à cura, o título de sacerdote frequentemente designava alguém que era ao mesmo tempo médico, terapeuta e intermediário entre o mundo dos deuses e o mundo dos homens, capaz de receber e interpretar suas mensagens, que chegavam também através de sonhos.

O contexto atual do trabalho com os sonhos difere bastante da antiguidade, mas desde que sua importância e valor terapêuticos foram resgatados, são considerados material precioso, especialmente nas abordagens da psicologia profunda. Pessoalmente posso dizer que os sonhos sempre desempenharam um papel muito importante na minha vida, bem sabem meus terapeutas. Como todo mundo, tenho sonhos e pesadelos dos mais banais aos mais assustadores, e com alguma frequência parecem querer comunicar algo importante. Já faz muitos anos que passei a olhar para meus sonhos cada vez com mais atenção e carinho, tentando entender seus recados. Falam de mim e para mim nem sempre de forma clara, como é da natureza deles. Foi um desses sonhos intrigantes com um certo ar de pesadelo que tive há aproximadamente oito anos que me despertou o desejo de estudar psicologia e encarar uma graduação com quase 52 anos. As imagens impactantes do sonho daquela noite me acompanharam durante o dia, dias a fio.

Não podemos nos permitir nenhuma ingenuidade no estudo dos sonhos. Eles têm sua origem em um espírito que não é bem humano, e sim um sopro da natureza — o espírito de uma deusa bela e generosa, mas também cruel. Se quisermos caracterizar este espírito, vamos aproximar-nos bem melhor dele na esfera das mitologias antigas e nas fábulas das florestas primitivas do que na consciência do homem moderno. Não estou querendo negar as grandes conquistas que nos trouxe a evolução da sociedade civilizada, mas tais conquistas realizaram-se à custa de enormes perdas, cuja extensão mal começamos a avaliar (Jung, s/d p. 51)

Se existe uma fada do sonho, naquela noite ela me mandou uma bruxa. Com as referências que tinha na época, relatei meu sonho como tendo sido um encontro com a Baba Yaga. Nele, em quase tudo semelhante a estrutura de um conto de fadas, eu era uma espécie de Vasalisa e estava trabalhando na casa daquela que parecia ser uma versão moderna, fascinante mas um pouco assustadora da Baba Yaga. Entendi o

sonho como um chamado; eu certamente tinha algo importante a aprender com aquela figura. Desde então pude vislumbrar muitos significados e interpretações diferentes para aquele encontro. Percorri um longo e tortuoso caminho povoado por muitos outros sonhos, recheados de símbolos, que mais do que justificam a escolha do tema deste TCC. Dada a maneira como me são dados meus próprios sonhos, penso que um olhar mais atento a essas práticas antigas certamente beneficiará minha atuação profissional.

Num dos primeiros anos da graduação, no intervalo de pouco mais de um mês assisti a uma palestra promovida pela SBPA e logo depois li um texto de C. J. Groesbeck para o estágio que estava fazendo na época, ambos em torno do texto “A imagem arquetípica do médico ferido”, sempre do ponto de vista da abordagem da Psicologia Analítica. Fiquei muito mobilizada por palestra e texto, pois o tema combinava diversos assuntos que me interessavam. Não conhecia muito da mitologia grega mas tenho uma relação especial de muitos anos com a egípcia. Mesmo antes de entender exatamente a dinâmica terapeuta-paciente que o texto procurava explicar, já me interessaram tanto os sacerdotes como pacientes da antiguidade, que viam os rituais, sonhos e suas imagens como promotores de cura.

A partir das referências do texto de Groesbeck comecei a pesquisar e vi que havia bastante material disponível na psicologia analítica sobre as práticas dos templos de incubação gregos mas nem tantos registros egípcios, que em sua maioria são menos explícitos sobre os rituais de incubação. Assim mesmo fui atrás de livros e de publicações na área da arqueologia e lá encontrei diversos trabalhos sobre sonhos e incubação de sonhos na Grécia e Egito. Meu interesse pelos rituais de cura foi crescendo a medida que fui encontrando semelhanças e paralelos entre as duas culturas que em determinado período se influenciaram mutuamente, e também pela leitura de textos que mostravam como essas ideias encontravam aplicação prática hoje em dia.

Diferente da visão atual da medicina, gregos e egípcios ao que tudo indica se intitulavam e eram considerados médicos do corpo e da alma. Para tanto, especialmente a classe que chamamos de sacerdotes médicos, moravam, recebiam sua formação e tinham sua prática acontecendo num mesmo local, os templos clínica-escola. Essa ideia talvez esteja colocada de maneira mais clara na literatura egípcia, mas essa não será objeto deste estudo. Neste trabalho pretendo fazer a revisão de uma parte do material disponível sobre sonhos e incubação de sonhos na Grécia

antiga, procurando ressaltar a natureza e função dos rituais de incubação e dos sonhos nos relatos antigos disponíveis e como isso se articula com ideias da psicologia analítica.

2. MÉTODO

Este trabalho tem como objetivo apresentar os rituais de incubação de sonhos nos templos Grécia antiga e o papel dos sonhos no processo de cura.

Este estudo constituiu-se como pesquisa teórica a partir da análise dos textos referentes às temáticas abordadas. Para isso, partiu-se de um texto que abordava o tema do médico ferido “A imagem arquetípica do médico ferido” de C. Jess Groesbeck e decidiu-se então num primeiro momento seguir as referências desse mesmo autor para ampliar a pesquisa. Num segundo momento, foram feitas buscas nas bases de dados para pesquisa científica de artigos no Scielo, Google Acadêmico, Academia.edu e JStor usando as palavras-chave: sonhos, incubação de sonhos, templos de cura.

Após uma extensa pesquisa, foram eleitos como fontes principais para a parte do trabalho que cobre as práticas da antiguidade, as obras que traziam elas mesmas referências a fontes primárias antigas às quais não se teve acesso. Esses registros antigos se provam indispensáveis para a fundamentação de certas ideias defendidas pelos autores. As obras base são “A Imagem Arquetípica do Médico Ferido” de C. Jess Groesbeck, “Sonho e ritual de cura” de C.A. Meier e “Arquétipos da religião grega” de Karl Kerényi. Para falar dos sonhos na psicologia analítica, “Aprendendo com os sonhos” de Marion R. Gallbach e “Sonhos na psicologia junguiana” de Faria, D. L.; Freitas, L. V.; Gallbach, M. R. (orgs).

3. SONHOS E INCUBAÇÃO DE SONHOS NA ANTIGUIDADE



Fig. 1. A Cura de Asclépio - Oráculo de Epidaurus

Na Psicologia Analítica, alguns autores referem-se às práticas que eram realizadas nos Templos de cura e Oráculos da antiguidade para chegar a falar sobre um aspecto arquetípico específico da dinâmica transferencial e sua importância no processo analítico. Meus primeiros contatos com esses conceitos básicos das práticas antigas que dialogam com a Psicologia Analítica foram através de dois trabalhos que explicitam essa relação. O artigo de C. J. Groesbeck intitulado *A imagem arquetípica do médico ferido* e o livro de C. A. Meier, *Sonho e Ritual de Cura - Incubação antiga e psicoterapia moderna*. Esses autores dizem ser necessário fazer uma incursão nas práticas do passado para recuperar como era visto e entendido o processo de cura na antiguidade, para então relacioná-las com as dinâmicas presentes no processo analítico.

Groesbeck parte da afirmação de que a cura é o objetivo último da prática médica ou psicoterápica e ressalta a importância de não se perder isso de vista, deixando que a técnica se sobreponha ao cuidado com a queixa e o sofrimento do paciente. Como exemplos elege a alopatia e a homeopatia, apresenta e analisa seus pressupostos e sistemas como visões de certa forma antagônicas da prática médica. Nessa comparação fica claro como a psiquiatria e a psicofarmacologia estão mais identificadas com a abordagem alopática quando agem na direção de eliminar sintomas. Uma ressalva pode ser feita em relação ao uso de vacinas pela medicina tradicional, um recurso profilático baseado na cura pelo semelhante aos moldes da homeopatia.

Para a psicologia profunda, desde Freud, os princípios da homeopatia traduzem melhor as ideias e práticas dessa abordagem, especialmente a Psicologia Analítica na sua visão sistêmica do paciente, bem como na investigação e identificação de um

possível significado para a doença. Sobre o processo homeopático e a abordagem analítica, Meier diz que a cura procede do “encontro de um significado para a doença”, ou “quando os sintomas se integram numa totalidade significativa” (Meier, apud Groesbeck, 1983, p.73). Daí emergem algumas perguntas: O que é a cura? Como ela acontece e quem a promove? Para respondê-las, levanta e analisa diversas questões relacionadas a quais seriam as características desejáveis em um profissional da saúde, especialmente um psicoterapeuta.

A homeopatia tem como princípio o uso de determinadas substâncias que se forem dadas a uma pessoa sã, provocarão os mesmos sintomas ou a mesma doença que se procura combater na pessoa doente. É possível fazer um paralelo entre esse mecanismo de cura pelo semelhante da homeopatia e a ideia da *divino afflictia*, ou seja, de que o mesmo deus que cura é aquele que também é capaz de enviar a doença. Esse sistema de crenças determinava os rituais de cura nos templos dedicados a Asclépio¹. Filho de Apolo e discípulo de Quíron², este um curador que sofria ele mesmo de uma ferida incurável, Asclépio aprende de seu mestre os segredos do poder curativo das plantas, tornando-se a imagem arquetípica do curador ferido. A característica divina da doença e sua cura lhe conferem atributos bastante específicos, já que encerram um diagnóstico, tratamento e prognóstico. Um médico divino se encarregaria de determinar a terapia e de executá-la ritualmente.

Ésquilo chama Apolo *iatromantis* (“médico e vidente”), e Aristófanes de *iatros kai mantis*. Na terapia mágica a combinação de *praxis kai logos*, de tratar com as mãos e falar palavras (mágicas), é traço essencial (a palavra alemã de “tratar” é “*behandeln*”). Pode ser essa a razão pela qual essas duas ideias estão combinadas em Apolo. (MEIER, 1999, p. 42)

Para tanto, os doentes faziam peregrinações aos santuários em busca de cura, engajando-se em complexos rituais de incubação de sonhos. Vale esclarecer que no decorrer deste trabalho, toda vez que nos referirmos ao termo incubação, estaremos sempre obedecendo a seguinte definição: “A incubação é uma prática em que uma pessoa executa um ritual e dorme num lugar sagrado, com a intenção deliberada de receber um “sonho divino” (o sonho deve ser deliberadamente produzido através de um ritual)” (Harrison, 2009).

¹ Das diferentes grafias encontradas nas obras consultadas, adotei Asclépio para facilitar leitura e entendimento.

² Entre as grafias encontradas para nomear o centauro nas obras consultadas, adotei Quíron.



Fig. 2 Asclépio jovem – Museu Vaticano



Fig. 3 Estátua de Asclépio do Asclepieion de Epidauro



Fig. 4 Relevô de Asclépio e Higieia alimentando a serpente

4. O MITO DE ASCLÉPIO

Imagem arquetípica do curador ferido

“Nascimento na morte: é o que este mitologema anuncia.” (Kerényi, p.12)

Na mitologia grega é frequente encontrarmos mais de uma versão para um determinado mito, cada uma adicionando um aspecto diferente, dando conta assim de sua complexidade. No caso do mito de Asclépio, mesmo entre os estudiosos, há um debate sobre se ele já era uma divindade ctônica antiga ou se foi um herói posteriormente deificado.

Antes de consagrado como deus da cura, Esculápio fora Aischlabios ou Aislapios, um *dáimon* pré-helênico, tendo seu primeiro santuário provavelmente em Trica na Tessália, onde era consultado como oráculo. Desde os primórdios associa-se a ele a serpente e o cão como seus atributos animais. A associação com o cão pode vir desde seu pai, Apolo, que tinha seu santuário em Epidauro chamado “Kyon”, que significa cão (Meier, p. 32).

A primeira menção a Asclépio está na Ilíada de Homero, onde consta como um mortal, “médico habilidoso”, pai de dois heróis-médicos, Macaão e Podalírio, que participaram da guerra de Troia chefiando os exércitos de Tricca. Seu nascimento divino só aparece mais tarde, nas Metamorfoses de Ovídio. Hesíodo (c. 600 a.C.) oferece duas versões de sua genealogia e em ambas aparece como filho de Apolo. A maternidade porém, pode variar; numa versão é atribuída a Corônis, filha do rei Flégias da Tessália, e na outra a Arsíone, filha de Leucipus de Messena.

O poema de Píndaro é a mais antiga fonte do mito do deus Asclépio. Nesta versão, Asclépio é filho do deus Apolo e da mortal Corônis, que já grávida de Apolo apaixonou-se por Isquis, filho de Élato. Um corvo branco vem contar a Apolo sobre o caso de Corônis com Isquis, que sabendo de sua infidelidade, manda Ártemis para matá-la. O corvo, que era branco, sendo portador de más notícias acaba transformado em preto por um Apolo enraivecido. Corônis estava ainda na pira funerária quando “Apolo, cheio de remorso, com uma incisão cesariana extrai seu filho ainda não nascido” e depois o entrega ao centauro Quíron para educa-lo. Groesbeck comenta

que esse mitologema também reflete o princípio “Aquele que envia a morte, dá também a vida” do oráculo de Apolo.

Noutra versão, Flégias, que era um ladrão, viaja para a região do Peloponeso acompanhado de sua filha Corônis visando apoderar-se das riquezas que lá encontrasse. Durante a viagem ela é seduzida por Apolo e escondendo sua gravidez, dá à luz Asclépio nas terras de Epidauro, onde ela o abandona junto ao Monte Mírtio logo após o nascimento (Grimal, p.51). Esse lugar é conhecido pelas virtudes medicinais de suas plantas, e ali Asclépio é amamentado por cabras e protegido por um cão. Quando é encontrado pelo pastor das cabras, “ouve-se uma voz proclamar sobre a terra e sobre o mar que aquele recém-nascido viria a encontrar cura para todas as doenças e ressuscitaria os mortos”(Groesbeck, p. 74).

Quíron, meio homem meio cavalo, tutor e pai adotivo de Asclépio vai instruí-lo nas artes da medicina e das plantas medicinais e da música. Quíron vive no Monte Pélion, conhecido por suas plantas curativas. Responsável pela cura e formação de muitos dos heróis gregos como Aquiles, ele próprio sofre de uma ferida incurável causada por uma flecha envenenada enviada por seu amigo Hércules, portanto ele também um médico ferido. Quíron combina em si os aspectos apolíneo, racional, e o irracional e animal. Asclépio, por nascimento vai combinar o aspecto humano e o divino, e ainda os aspectos luminoso de seu pai e sombrio de seu tutor Quíron.

Na Ilíada Asclépio torna-se um excelente médico e cirurgião, tão competente que além de curar muitos doentes, chega a ressuscitar os mortos. Isso foi possível por ele ter recebido de Atena o sangue que escorreu das veias do lado direito da Górgona, que era benéfico, ao contrário do das veias do lado esquerdo que era um veneno poderoso. Figuram na lista de ressuscitados Capaneu, Licurgo, Glauco, o filho de Minos, e o mais conhecido entre eles, Hipólito, filho de Teseu. Aqui também podemos nos remeter ao que Kerényi chamou de centro do mito “Nascimento na morte”. Nesse conflito entre a eficiência do médico mortal e o decreto divino, Asclépio acaba punido com a morte, fulminado por um raio de Zeus, que receou que ele alterasse a ordem do mundo. Após sua morte, Asclépio foi transformado em constelação e tornou-se o Serpentário.

Além dos filhos que aparecem na Ilíada e a quem ele ensinou a medicina, Podalírio e Macaão, mais tarde na lenda Asclépio tem uma esposa chamada Epíone e filhas; estas sendo Aceso, Egle, Panacéia, Iaso e Hígia.

“O culto de Asclépio, que se verifica na Tessália, em Trica, donde é, talvez, originário, fixou-se principalmente em Epidauro, no Peloponeso, onde se desenvolveu uma verdadeira escola de medicina, cujas práticas eram sobretudo mágicas, mas que preparou o advento de uma medicina mais científica. Esta arte era praticada pelos Asclepiades, ou descendentes de Asclépio. O mais célebre é Hipócrates, cuja família se ligava ao deus.” (Grimal, p.50)

Abaixo reproduzi o quadro cronológico criado por de Kerényi (2015), assinalando primeiro a aparição de Quíron, tutor e professor das artes da cura de Asclépio, depois os períodos de surgimento do mito de Asclépio e de seus templos.

Quadro Cronológico de Kerényi

Desde 1500 a.C. Existência demonstrável da mitologia grega, cuja florescência tessálica inclui o centauro Quíron, o professor de medicina de Asclépio.

Desde 600 a.C. Florescimento das poesias homéricas e hesiódicas, das fontes mais antigas do médico Asclépio e sua família.

600-400 a.C. Florescimento da família médica dos asclepiades em Cós; por volta de 460-377, período em que viveu Hipócrates; pouco depois fundação de um santuário de Asclépio no bosque de Apolo Ciparisso.

500-300 a.C. Primeiro florescimento do santuário de Asclépio de Epidauro; 420, fundação do culto filial em Atenas; por volta de 300, registro epigráfico das “curas de Apolo e de Asclépio” e do peão de Islo de Epidauro.

291 a.C. Fundação do culto filial na ilha Tiberina em Roma; passo decisivo para a posterior difusão do culto de Asclépio no Império Romano.

5. TEMPLOS DE CURA E INCUBAÇÃO DE SONHOS NA GRÉCIA ANTIGA



Fig. 5 Epidauro – Templo de Asclépio

Epidauros Hiera, “Epidauro a Santa” situa-se a cinco milhas para o interior de Epidauro na Argólida. Sua data reconduz-se acerca do séc. VI a.C., permanecendo ativa, com períodos sucessivos de prosperidade e decadência, até o século III d.C. Trata-se de um espaço sagrado, *peribolos*, demarcado por pedras como limites. A principal divindade a quem estava consagrada era Esculápio. O culto a Esculápio em outros lugares só cessou no século V d.C., de modo que provavelmente se exerceram seus poderes curativos por mais de mil anos. (Meier, p. 22)

Graças às fontes literárias e arqueológicas disponíveis, mais abundantes sobre o mundo grego do que sobre o Egito até os dias de hoje, podemos chegar a afirmar que a existência de santuários de cura na antiguidade descrevem uma linha contínua no tempo. Egito e Grécia se desenvolvem como culturas independentes, mas que num determinado período histórico passam a ter um contato e troca mais intensos, este um período de sincretismo religioso fartamente documentado. Os registros sobre os templos gregos que chegaram até nós permitem saber, e às vezes apenas imaginar, como funcionavam e a quem serviam. Alguns deles são de especial interesse para este trabalho.

Neste capítulo, quando falamos de santuários e templos, devemos ter em mente que trata-se, na maior parte das vezes, de duas coisas diferentes. Santuários são os locais de peregrinação, normalmente situados em regiões retiradas, especialmente escolhidos para esse fim. Compostos por um conjunto de edificações, essas grandes áreas eram cercadas por pedras ou muros, e recebiam nomes relacionados à divindade principal ao qual eram consagrados, e eventualmente à localização geográfica. Já um templo é um local de culto, uma construção única, mas que pode ser

parte integrante de um santuário. O estabelecimento desses templos e santuários necessariamente obedeciam a uma lógica que refletia uma visão de mundo. Por essa razão, a apresentação dos templos e das práticas de incubação a seguir refletem minha tentativa de aproximar o assunto partindo da organização e teofanias que determinavam a localização do templo, algumas características geográficas e arquitetônicas, e por fim os rituais de incubação.

“No cume, Zeus Acralos, o Zeus dos picos e do céu, é adorado, mas não apenas ele. O santuário cujos alicerces foram encontrados lá em cima era dividido em dois. Na parte sul se encontrava o templo de Zeus, voltado para o lado ensolarado, avistando, por assim dizer, o lado diurno do mundo. Na metade norte, há uma caverna, que só pode ser o famoso Quironion, a caverna de Quíron. Essa divisão não atesta apenas o caráter noturno de Quíron, mas também sua elevada posição na ordem divina tessálica. Não por acaso ele era considerado, na mitologia clássica, filho do representante dos deuses, Cronos, e da deusa-árvore Filira, “a tília”. É um irmão de Zeus e divide o mundo com ele” (Kerényi, p. 107).

Muitos santuários gregos tinham em seu interior templos dedicados a mais de um deus. Os deuses podiam ser combinados obedecendo a diferentes critérios; de forma sincrética se suas características fossem semelhantes como Apolo e Asclépio – neste caso herdadas - mas também quando eram considerados complementares como Apolo e Dioniso, Zeus e Quíron. Talvez o exemplo mais emblemático dessas possibilidades seja Delfos, onde Dioniso fora um antigo deus de cura, mas que teve seu oráculo suplantado pelo de Apolo. Lá, Apolo estava representado no frontão da porta, enquanto o noturno Dioniso extático aparecia na parte de trás do templo. (Meier, p. 87-8)

Sucessões e sincretismos eram frequentes. Outro bom exemplo são os Asklepieion, templos dedicados a Asclépio, a quem também estavam ligados festivais de colheita da uva. Meier, citando diversas fontes nos conta que:

“a *vindemia*, ou colheita da uva, é consagrada a Esculápio, e dizem-se preces para a boa saúde do povo nesse tempo. A colheita da uva terminava com a festa da Meditrinalia (11 de outubro), do que se deduziu a existência de uma deusa Meditrina, que com certeza teria que ver com saúde”(p. 88).

Esses festivais ligados à produção de vinho estavam relacionados à saúde e eram dedicados a Asclépio e Dioniso, e aconteciam simultaneamente ou separados por apenas alguns dias. Além desses, Platão relata que haviam grandes festivais de música e poesia que aconteciam nos santuários de Asclépio. Meier acredita que teriam sido incorporados a partir do culto a Apolo e que comprovam a grande importância que se dava para a música no ritual de cura.

O deus Serápis, e seus santuários são exemplos de sincretismo religioso, um arranjo propiciado por interesses políticos envolvendo a fusão de dois deuses de diferentes culturas, Osiris-Ápis do Egito e Asclépio da Grécia, traduzidos numa nova divindade com culto próprio. Essa divindade alexandrina foi introduzida por Ptolomeu Soter no final do séc. IV a.C.

Além dos casos de sucessão num mesmo templo como Apolo e Esculápio, o culto a um deus podia ser suplantado por outro. Encontramos registros de como se dava a implantação do culto a uma divindade diferente, vinda de outro lugar, e conseqüentemente a necessidade de construir um novo templo que lhe fosse especialmente dedicado. Esse novo culto justificava-se quando um outro deus solucionava algum problema sério para o qual as divindades locais não tinham encontrado solução, como é o caso do estabelecimento do culto de Asclépio em Roma. Na sequência, apresentando alguns templos de Asclépio, as diversas formas de estabelecimento de novos cultos serão abordados.

6. ASCLÉPIO E OS ASCLEPIEION



Fig. 6 Santuário de Asclépio em Epidauro

Entre as diversas divindades ligadas à cura, Asclépio foi sem sombra de dúvida a mais popular da Grécia. Havia cerca de 410 templos dedicados a ele em todo mundo antigo. Eram em sua maioria filiados a Epidauro, considerado o centro do culto a Asclépio e que data por volta do séc. VI a.C. (Meier, p.31). Essas afiliações eram possíveis e viabilizadas através de um ritual de transladação (*translatio*), muito específico e que deveria ser seguido à risca para ser bem sucedido.

Cós e sua escola médica, criada por Hipócrates com características mais científicas, parece ter sido um dos poucos santuários que não se filiou a Epidauro. Surpreendentemente, o santuário de Cós, fundado após a morte de Hipócrates, ainda sobreviveu por muito tempo tornando-se o culto oficial da cidade, que também adotou o bastão com a serpente de Asclépio como seu símbolo.

O culto a Asclépio espalhou-se pelo mundo helênico e registros antigos dão conta de como se dava e quais os procedimentos corretos para a fundação de um novo templo. A seguir descreverei algumas dessas lendas que são também exemplos claros do papel determinante dado aos sonhos nos diversos assuntos relacionados aos templos e às divindades.

“Curas miraculosas tendem a dar-se em lugares determinados, pois santidade liga-se com localidades. O novo ocupante de um oráculo deve substituir seu predecessor (heros-iatros, hero-médico”), mas, apesar da divina liberdade de movimento, o númen continua sendo princípio regulador em seu próprio santuário”. (Meier, p. 44)

Ainda hoje é possível visitar alguns desses santuários, cujas ruínas atestam seu passado grandioso. Para além e anterior à importância dada às especificidades arquitetônicas dos espaços sagrados, a escolha do local onde construir o templo, sua fundação e sacralização eram determinadas por teofanias e efetivadas através da execução de rituais específicos, como corresponde a lugares com essa finalidade. Mesmo que os rituais de incubação não necessariamente apareçam descritos nessa parte do processo, os relatos mostram como nessas oportunidades Asclépio manifestava claramente sua vontade através de sonhos, quando dava instruções precisas sobre o que deveria ser feito.

6.1 Translatio – Trasladação



Fig. 7 Mosaico do Asclepieion de Cós – Hipócrates dando boas vindas a Asclépio

Os santuários filiados a Epidauro em sua maioria eram fundados através da transladação do culto, que consistia no transporte do deus em sua forma teriomórfica, ou seja, as serpentes que lhe eram consagradas. Foi assim no caso dos santuários de Halieis, Sícion e Epidauro Limera. (MEIER, pág. 24) Sobre este último, fundado em fins do séc. IV a.C., diz-se:

“Os habitantes dizem que não são lacedemônios mas epidaurianos da Argólida. Foram enviados pela cidade a Cós para consultar Esculápio, e atracaram nesse porto na Lacônia. Aí lhes foi enviado um sonho. Também dizem que eles trouxeram uma serpente com eles de sua casa em Epidauro. Ela escapou do navio e desapareceu na terra sobre a praia. Portanto, em vista da visão em seus sonhos e pelo portento da serpente, decidiram estabelecer-se e viver neste lugar. Onde a serpente desapareceu na terra, estão os altares para Esculápio, com oliveiras crescendo a seu redor”(Pausânias, apud Meier, p. 24).

Na primeira metade do séc. IV a.C. é estabelecido o culto a Asclépio em Pérgamo na Anatólia, atual Turquia, que mais tarde supera Epidauro em fama e esplendor. Sua grande e famosa biblioteca só perdia em importância para a biblioteca de Alexandria. Outros santuários importantes dedicados a Asclépio encontram-se em Atenas (fim do séc. V a.C.), Naupacto e Roma. As lendas que chegaram até nós sobre a fundação dos templos de Naupacto e Roma são outros dois exemplos interessantes de como eram claras e efetivas as manifestações do deus, seja através de oráculos, curas milagrosas ou mesmo apontando sua preferência por uma localização determinada e não outra para a construção de seus templos.

A lenda sobre a fundação do santuário de Naupacto, na Lacônia, construído por um indivíduo chamado Falísio, narra um sonho e uma cura milagrosa. Anite, uma poetisa de Epidauro, pensando tratar-se de um sonho, recebe ordem de Esculápio para levar uma carta selada a Falísio. Tendo encontrado uma carta de verdade em suas mãos, viaja para Naupacto para cumprir a tarefa que se comprovara real. Estando quase cego, Falísio recebe a visita de Anite, que pede que abra a carta e leia seu conteúdo. Pensando que sua pouca visão não permitiria que lesse a carta, pediu o favor de Esculápio. Quebrou então o selo “e ao olhar para a tabuinha de cera viu-se curado. Deu então a Anite o que pedia a carta: a soma de dois mil estáteres de ouro”(Pausânias, apud Meier, p. 24).

Existem também diversos relatos que dão conta da transladação do culto de Esculápio em Epidauro para Roma em 291 a.C., talvez o mais famoso exemplo desse ritual. Meier (1999) e Kerényi citam a narrativa de Ovídio, segundo a qual uma praga assolava o Lácio naquela época e nenhum médico foi capaz de exterminá-la.

Desesperados, os romanos foram a Delfos consultar Apolo, e receberam a seguinte resposta:

“O que procuras aqui, romano, podes encontrar em lugar mais próximo; podes agora procura-lo em lugar mais próximo. Apolo não te é necessário para mitigar a miséria, mas sim o filho de Apolo” [...](Ovídio, apud Kerényi, p. 24).

Quando souberam que deviam apelar a Esculápio em Epidauro, dez embaixadores romanos chefiados por Q. Ogulnius foram enviados ao santuário com a missão de pedir para levar o deus Asclépio com eles até Roma. Seu pedido foi negado. O relato segue e é o próprio Asclépio que se revela em sonho a Ogulnius, para resolver a questão:

“Tal como é visto no templo, um bastão na mão esquerda e, com a direita, afagando o pelo da longa barba, e parecia proferir palavras amáveis: Esquece teus temores! Virei até vós e deixarei aqui minha imagem; vê aqui a serpente, que se enrosca no bastão, observa-a com atenção para que a reconheças: Transformar-me-ei nesta serpente, mas em maior tamanho, e parecerei tão grande como parecem seres celestiais quando se transformam”(p. 25).

A visita ao templo no dia seguinte veio confirmar tudo o que foi dito pelo deus no sonho. Estando divididos entre ajudar os romanos, mas ao mesmo tempo querendo manter o deus para eles, os sacerdotes pedem um sinal de Asclépio:

“Mal haviam terminado a prece, quando, em forma de serpente, o deus, com alta crista dourada, sibilou para anunciar sua chegada. E ao aproximar-se, tremeram a imagem e o altar, as portas, o chão de mármore e o teto de ouro. Ela própria se ergueu dentro do templo e dardejou os olhos flamejantes ao redor. A multidão assustada tremia, e o sacerdote puro, com uma faixa branca na testa, reconheceu a divindade e disse: ‘Vede, eis a divindade, ela está aqui! Calai-vos e adorai-a, todos vós aqui reunidos! Ó tu, o mais belo, auxiliador, sê bem-vindo, socorre o povo que honra tua divindade!’ ”(p. 26).

A terra tremeu, o deus se transformou em serpente e dirigiu-se ao porto de Epidauro embarcando no navio romano. Assim foi levado até a Itália navegando pela costa, tendo feito uma parada em Antium, hoje Anzio, onde o deus buscou refúgio de uma tempestade num templo de Apolo, na praia. A serpente teria permanecido

pendurada numa palmeira do templo por três dias, retornando ao navio quando a tempestade passou. Navegaram então até Óstia, no delta do rio, de onde subiram o Tibre em direção a Roma. Foram homenageados com incenso e sacrifícios nas margens do rio por onde passavam. “Logo que chegaram a Roma, o deus deixou o navio e foi para a ilha do Tibre, onde reassumiu sua forma divina. Com sua chegada cessou a praga.” (Meier, p. 26)

Seguindo-se à manifestação da divindade, procedia-se à construção do novo templo, cuja localização e arquitetura deviam atender exigências básicas, indispensáveis para seu funcionamento.

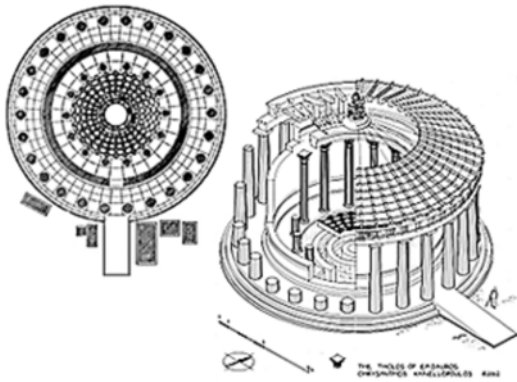


Fig. 8 Tholos de Epidauro - Plano do piso e corte diagonal

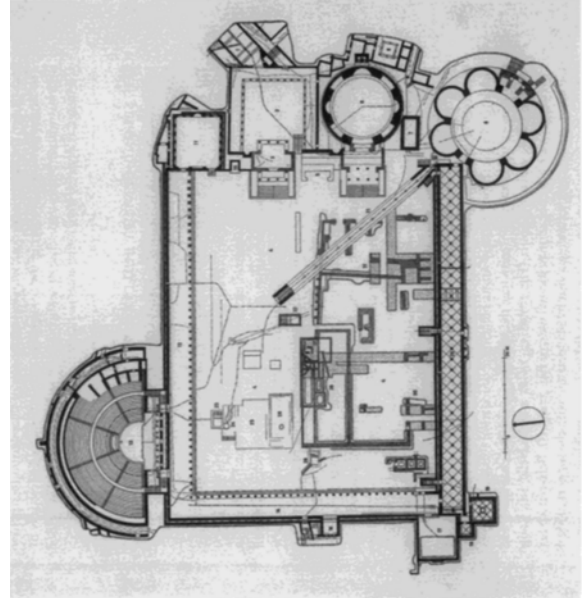


Fig. 9 Plano do Santuário de Asclépio em Pergamo



Fig. 10 Ruínas do Tholos de Epidauro

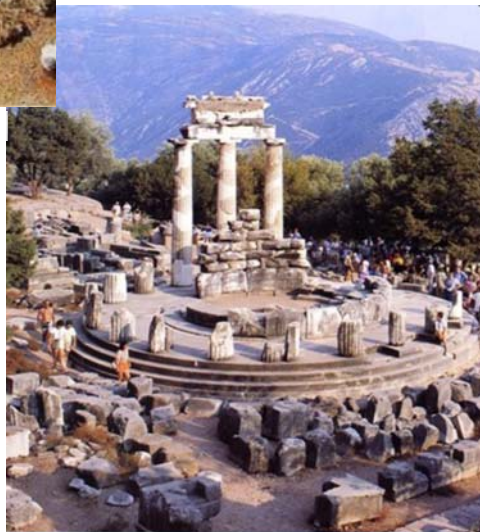


Fig. 11 Ruínas do Tholos de Delfos

6.2 Arquitetura

As atividades nos santuários não se restringiam aos rituais de incubação. Alguns desses espaços podiam ser usados em diferentes momentos com diferentes propósitos. O conjunto podia ser murado ou delimitado com pedras, tinham árvores e alguns, os maiores, contavam ainda com um teatro onde aconteciam festivais de música e poesia, tidos como elementos indispensáveis ao processo de cura. Todas as edificações tinham uma função e uma razão de ser e sua distribuição no terreno obedecia também a um critério religioso ou refletia algum aspecto mitológico.

As construções que compunham esses santuários, mesmo que hoje em ruínas, revelam que eram centros de culto onde aconteciam múltiplas atividades, todas elas partes importantes de um ritual específico. Além das edificações destinadas à infraestrutura básica como alojamentos e cisternas, havia o templo maior onde cultuava-se a divindade principal à qual o santuário era dedicado; poderia haver um segundo templo, menor, dedicado a uma outra divindade. Alguns desses complexos arquitetônicos contavam ainda com teatros, ginásios e construções menores com instalações específicas.

“Abundância de água, correndo por toda parte por meio de poços, constituía um elemento importante da atmosfera e da vida no santuário. Pensemos novamente em Delfos, com sua poderosa Fonte Castália ao lado de Cassotis. A água era para os gregos um tipo de conexão com as profundezas da terra”(Kerényi, p. 35).

Um exemplo importante e interessante é o *tholos*, edificação circular com duas fileiras de colunas concêntricas de aproximadamente 14m a 16m de diâmetro, e que têm um labirinto em sua base, embaixo do piso, onde corria um fio de água. Segundo Meier sua finalidade não é de todo clara. Pausânias conta que havia pinturas no teto do *tholos* de Epidauro. Lá estavam representados a Intoxicação, que é apresentada bebendo de uma taça de cristal e Eros segurando uma lira no lugar de seu arco e flecha. O *tholos* de Epidauro era considerado o edifício redondo mais belo de toda a Grécia.

Construções análogas podem apontar para a possibilidade de ter sido um local especialmente concebido para um ritual de purificação ou batismo no seu uso ritualístico. Construções como o Batistério e a Catedral de Santa Maria del Fiore em Firenze (1296-1436), com seu piso decorado com mandalas, assim como os labirintos presentes nos pisos de igrejas francesas como Chartres (1194-1220) e Amiens entre outras, podem ser representações simbólicas do que já foi um dia utilizado concretamente durante esses antigos rituais.

A resolução de problemas de todas as naturezas através de oráculos ou incubação de sonhos, fossem questões pessoais ou de estado, doenças físicas ou mesmo um problema de esterilidade, tudo era encarado como um processo de cura. A cura para esses mais variados problemas seria alcançada pelo contato com a divindade numa visão ou num sonho, propiciado por rituais de incubação. Mesmo que os rituais de incubação praticados nesses santuários nem sempre estejam descritos em detalhes nos textos disponíveis, a ocorrência da prática de incubação e a importância do sonho no processo de cura estão claramente registradas nos depoimentos deixados por aqueles que se beneficiaram de sua prática.

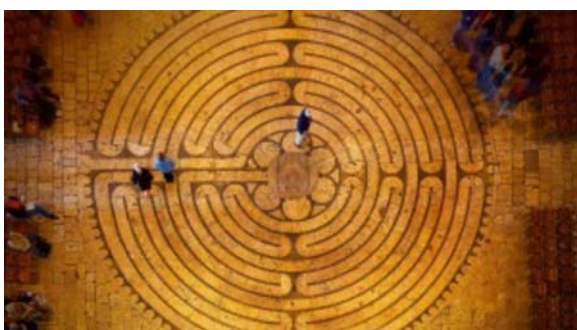


Fig. 12 Labirinto da Catedral de Chartres com pessoas andando



Fig. 13 Desenho do Labirinto de Chartres - França



Figura 14. Labirinto no piso da Catedral Notre Dame d'Amiens Franca



Fig. 15 Labirinto na Basílica de San Vitale Ravenna – Itália

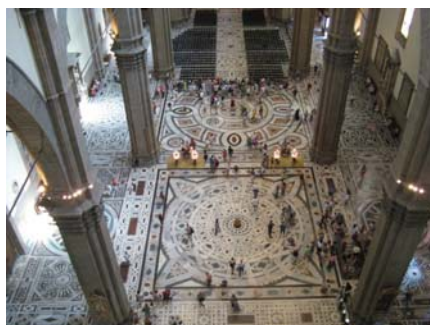


Fig. 16 Mandalas no piso do Duomo de Firenze – Itália.

7. RITUAIS DE INCUBAÇÃO EM EPIDAURO E NO ORÁCULO DE TROFÔNIO

Descalça-te e deixa a terra dos caminhos fora

Conhecidos como Asclepieion, os diversos santuários dedicados ao deus grego da cura e da medicina, Asclépio, estavam localizados em lugares afastados das cidades, com maior ou menor grau de dificuldade de acesso. Comentando o caminho que ligava a cidade portuária ao santuário, Ovídio chama Epidauro de “templo dificultoso”. Kerényi, descreve a estrada com mais detalhes e nos faz saber que a paisagem inicialmente monótona, leva a um “vale solene e idílico”, com um “bosque sagrado”.

Procurados por pessoas doentes que peregrinavam até o santuário em busca de cura, esses locais recebiam aqueles para os quais a medicina da época não havia encontrado uma solução. Como é característico das peregrinações, o percorrer do caminho já exerce uma função terapêutica preliminar, ou quem sabe poderíamos mesmo chamar de função religiosa, se tomamos o termo em seu sentido original de religare. Nessa etapa do processo isso significaria um contato mais estreito, uma reconexão consigo mesmo, propiciada pelo isolamento, o esforço exigido pela jornada e algum nível de privação que proporcionava uma preparação durante o caminho que levava, em última instância, ao contato com a divindade, à cura divina. Asclépio era frequentemente representado dormindo, ele próprio no *incubatio*.

“Acorda, Paieon Esculápio, comandante de povos,
Benevolente filho de Apolo e da nobre Corônis,
Esfrega o sono de teus olhos e ouve a prece
De teus adoradores, que muitas vezes e nunca em vão
Tentam inclinar teu poder favoravelmente, primeiro através de Higieia.
Ó benevolente Esculápio,
Acorda e ouve teu hino; tu portador de bem-estar.” (Meier, p. 65)

Como apontam Meier (MEIER, 1999) e Kerényi, não há muita informação segura ou detalhada sobre o caminho ritual trilhado pelos pacientes nesses santuários, nem mesmo em Epidauro; mas as poucas disponíveis nos falam de ações e etapas que são comuns a outros templos e tradições religiosas. Por tratarem-se de locais dedicados à cura, as regras de pureza nesses santuários eram muito estritas e determinavam, por

exemplo, que moribundos e mulheres em trabalho de parto permanecessem fora de seus domínios, já que deveriam manter-se puros de nascimentos e mortes. Mais tarde essa restrição evoluiu para serem recebidos e mantidos num edifício especial, fora dos limites do santuário.

Sabemos que serpentes mansas eram guardadas nos santuários de Esculápio, e parece que sem nenhuma dúvida eram serpentes de árvores. Isso não conflita com o significado ctônico das serpentes de Esculápio; a maioria das árvores do híeron eram plátanos, e destes se diz em textos antigos que as fontes sagradas fluíam de entre suas raízes; sendo assim, também aí se preservou a estreita conexão entre árvores, serpentes e água.” (Meier, p. 83)

Por razões ritualísticas já citadas, sabemos que um dos mais importantes critérios para a escolha do local para a construção de um templo era a presença de uma fonte de água, que além de seu aspecto ctônico ligado à serpente e a Asclépio, possibilitava as purificações rituais. Plutarco e Pausânias as descrevem como “mananciais de previsões e curas”. A exemplo dos sacerdotes de Epidauro, para chegar aos recintos sagrados os doentes precisavam purificar-se, o que também significava estar com a alma limpa, livre de maus pensamentos.

Banhos eram considerados como tendo o poder de purificar o corpo e a alma. Limpar a alma significava libertá-la da contaminação pelo corpo, favorecendo os sonhos. “Nesse sentido, o banho é *oneiraiteton*, ‘produtor de sonho’.” Além disso, os banhos podiam ter um caráter batismal e iniciatório - *voluntaria mors* – morte voluntária e renascimento. Nos relatos de cura será possível verificar ainda outro aspecto do banho, ligada a ideia de *hieros gamos* (sagradas núpcias), no sentido de que algumas curas assumiam um aspecto de *synousia*, coito com o deus.

Nas palavras de Porfírio, “Todos que entrarem no templo carregado de incenso sejam puros. Pode-se, porém, considerar-se puro aquele que na mente só tem pensamentos santos.” (p. 64) Para os doentes que chegavam ao santuário, abluções e banhos rituais eram preliminares indispensáveis para a incubação em Epidauro. Essa era também uma exigência básica em outros templos, como para os *mystai*, participantes dos mistérios sagrados de Elêusis, que eram ritos de iniciação ao culto das deusas Deméter e Perséfone, no importante santuário de Elêusis, perto de Atenas.

Da pouca informação que temos disponível sobre o caminho ritual em Epidauro, sabemos que apenas após o banho ritual e os sacrifícios preliminares é que o

incubante era introduzido no *ábaton* ou *adyton*, onde ocorria o “sono do templo”. Não se sabe ao certo qual era a localização do *ábaton*, que significava “o santuário mais interior” ou “lugar que não se pode entrar sem ser convidado”(p. 58). Um doente impossibilitado de ir até o santuário poderia ser representado por outra pessoa para quem seu problema era transferido, e que teria sonhos vicários válidos no lugar do paciente.

Apesar de seus sacerdotes certamente terem formação médica, o santuário também era procurado por pessoas que buscavam o conselho do deus através do oráculo, para problemas sérios de outra natureza que não os de saúde, a exemplo de outros templos oraculares como o de Anfiarau em Oropos. Um deus oracular, por sua vez, eventualmente também assumia o papel de deus-médico.

Peregrinar até o santuário em busca de cura não envolvia simplesmente uma decisão pessoal. Muitos templos tinham como regra que o doente ou consultante só seria recebido para o ritual de incubação se tivesse sido chamado. Isso tinha significados variados. Às vezes lhes era dado saber antes, através de um oráculo, que a cura se daria. Outras vezes sonhavam com o deus que lhes convidava ao templo. No caso dos doentes que procuravam e eram admitidos no templo de Asclépio em Roma, a forma era *echrematisen ho theos* “o deus fê-lo saber por meio de um oráculo que ele apareceria”. Em Titoreia, o mais importante templo de Isis na Grécia, entravam apenas aqueles convidados por ela através de sonho, e os que iam sem ser convidados eram punidos. Mesmo o sonho enviado a um doente para que fosse a um templo dedicado a outro deus podia ser enviado por Asclépio. Meier vê nesses convites um possível sentido original da incubação.

Não é possível determinar o tempo que uma pessoa permanecia no santuário, já que não se tratava de um padrão. Cada um tinha uma necessidade diferente e seu próprio tempo para alcançar a cura. Isso podia significar o tempo suficiente para que o deus viesse em sonho, quando já dormindo no templo, mas podia acontecer também de o doente ficar um tempo maior nas atividades anteriores à incubação, ao sono do templo propriamente dito. “Nesses casos continuavam os sacrifícios preliminares até ocorrer constelação favorável, um *numen* da divindade que mostrasse que chegou o *kairos oxys*, o momento decisivo”. (Meier, p. 69)

7.1 Katábasis

A Descida no Culto a Trofônio

“O incubante era então vestido com roupas brancas de linho e enrolado em faixas como criança. Depois lhe era dada uma escada com que podia descer até a caverna. Quando alcançava o fundo, tinha de se arrastar com os pés na frente através de um buraco que era suficientemente grande para permitir passar um corpo humano. Quando estava dentro até os joelhos, era sugado para dentro como que por um potente redemoinho. Levava nas mãos bolos de mel, para alimentar as serpentes que aí viviam e torná-las propícias.” (Meier, pág. 99-100)

Como parte dos rituais de incubação, a *katábasis* ou “descida” ao *ábaton*, acontecia no culto a Asclépio e também no culto a Trofônio. Em ambos os templos encontra-se um santuário-caverna com uma fonte fria. Neste ponto passamos a descrever o ritual de incubação no culto a Trofônio pois o relato confiável de Pausânias, que foi um iniciado, nos fornece informações mais detalhadas sobre os rituais desse oráculo.

Numa primeira etapa do ritual, o incubante dirigia-se à casa consagrada ao Ágathos Dáimon e a Ágathe Tyche, Bom Dáimon e Boa Sorte, onde eram feitos banhos de purificação. “Muitos animais eram sacrificados a Trofônio e a seus filhos assim como também a Zeus, Apolo e Deméter, e comia-se sua carne.” (Meier, p. 96) Era através do exame das entranhas dos animais sacrificados que os sacerdotes de Trofônio sabiam se o momento da descida havia chegado. Quando o momento era propício para consultar o oráculo, a pessoa era acompanhada durante a noite por dois rapazes de 13 anos ao Rio Hercina, onde seria banhada e ungida. Depois era levada por sacerdotes a beber de duas fontes, Lete e Mnemosine, respectivamente esquecimento e memória em grego. Como os nomes já indicam, beber dessas fontes tinha um propósito duplo; por um lado esquecer tudo que estivesse ocupando a mente do incubante até aquele momento, e ao mesmo tempo, receber o poder de lembrar o que veria na descida. O passo seguinte era mostrar a estátua de Trofônio ao incubante, únicas pessoas que chegavam a vê-la.

7.2 Anábase

A Subida

Parece ter havido um período em que alguns templos davam apenas uma chance, a primeira noite era a única oportunidade de o sonho ocorrer, mas isso parece ter se modificado com o tempo. Não era possível saber quanto tempo demoraria para o incubante ver ou ouvir seu oráculo. Só aí estaria pronto para a anábase, a subida, como um empurrão para fora do buraco, segundo Pausânias bastante assemelhado a um forno.

Como na descida, o incubante estava sempre com os pés para a frente, como num nascimento ao contrário. Tendo subido, o incubante contava com detalhes sua experiência, sentado no trono de Mnemosine. Numa postura discreta de assistentes do deus, os sacerdotes tomavam notas cuidadosas e detalhadas, e todo depoimento era dedicado ao templo. Os sacerdotes então o devolviam ainda meio tonto para seus amigos que o levavam novamente para a casas de Ágathos Dáimon e a Ágathe Tyche, para uma última etapa do ritual.

É bastante difundido que a experiência de incubação no culto a Trofônio não era para qualquer um. As pessoas saíam trêmulas e frequentemente um tanto abaladas. Dizem que tornavam-se circunspectas e melancólicas. De um homem exageradamente sério se dizia: *eis Trophoniou memanteutai*, “Ele visitou Trofônio”.(p.101) Não havia possibilidade de leveza e riso, provavelmente por ser um culto mais antigo, ctônico e portanto mais primitivo e sombrio. Meier considera que o oráculo do culto a Trofônio pode ser visto como uma versão mais antiga e mais primitiva do ritual do culto a Asclépio, e comenta que há diversas correspondências entre ambos.

A primeira são os bolos de mel com que eram alimentadas as serpentes, representantes dos aspectos ctônicos de ambos. Diversos outros templos também mostram alguma relação entre mel e profecia. As profetisas de Delfos eram chamadas Melissae (abelhas), e conta-se também que as ninfas “Thriae” que moravam no Parnaso e teriam ensinado a arte da profecia a Apolo, alimentavam-se de favos de mel. Quando recebiam mel, falavam a verdade; quando não, falavam mentiras. E ainda, que a caverna de Trofônio foi descoberta por Sáon quando seguia um enxame de abelhas.

Outro paralelo está presente nos incubantes serem vistos como *prisioneiros de deus*. Não lhes era dado decidir sobre o tempo de permanência no templo. O retórico Eliano Aristides os chama *enkatochoi*, significando prisioneiros ou detidos, e que

”faziam cuidadosos relatórios de seus sonhos até ocorrer *symptoma*, ou seja, coincidência com o sonho do sacerdote.” Essa sincronicidade ocorria frequentemente e era sentido como tendo efeito curativo.

O simbolismo de morte e renascimento também está presente em ambos, mais claramente em Trofônio. Meier lista alguns outros exemplos de deuses que também envolvem esses simbolismos. Além de Asclépio e Trofônio, há estatuetas de mulheres iniciadas nos mistérios de Isis que estão assim enfaixadas, e o simbolismo do renascimento presente também nos mistérios de Mitrás. Sobre o simbolismo das vestes e faixas brancas como símbolo de renascimento, Meier diz: “Pode-se assim verificar que o incubante mudou-se de condição de *moriturus* à condição de *quasimodo genitus*. Em vista de tudo isso, não surpreende que o rito também curava as pessoas de má sorte ou do destino.” (Meier, p. 120)

Retomando a parte final do ritual, muitos desses relatos de sonho e de cura chegaram até nós em textos ou em achados arqueológicos nos próprios santuários. Dentre eles há aqueles semelhantes ao que na atualidade chamaríamos de ex-voto. Em seguida apresento reunidos diversos relatos de cura de Asclépio, e também um relato completo de uma experiência de incubação do culto de Trofônio.



Fig. 17 Relevo votivo dedicado a Asclépio



Fig. 18 Relevo votivo dedicado a Asclépio

“Elas são ‘curas milagrosas’ apenas na medida em que toda cura, todo final feliz, onde quer que houvesse a possibilidade de um final infeliz, era uma espécie de milagre. Na mudança para o melhor, numa doença grave do ser vivente entregue à morte, que, por sua natureza, também pode ser chamado de ser morrente, permanece sempre algo intangível, mesmo que o médico tenha reconhecido e afastado a causa da doença. Pois, além da intervenção do médico, sempre deve haver auxílio de algo mais, que, simultaneamente à intervenção externa, ocorra no interior do paciente para que se apresente a cura. No momento crucial da virada da cura, atua algo que seria mais bem-comparado com o jorro de uma fonte. A crença popular cristã sempre atribui esse evento à intercessão de um santo, a uma personalidade especialmente agraciada por Deus. Para essa crença, a razão mais profunda da cura é Deus, que, entretanto, não tem nenhuma relação específica com a virada da cura, nenhuma relação especialmente marcada na essência dele: ele muda tudo e cada um para o melhor, quando ele quiser. E, nessa mudança, o santo está apenas presente. O sentido de um deus especificamente caracterizado como deus da cura é o de que aquela fonte, por assim dizer, jorra dele. Ele não está apenas presente na virada da cura, mas sua aparição é a cura; e talvez inversamente: toda cura é, por assim dizer, sua epifania” (Kerényi, p. 34).

7.3 Relatos de sonhos de cura

Epidauro, milagre IV

Pandaro, um tessálio que tinha marcas na testa. Em seu sono de cura teve uma visão. Sonhou que o deus atou as marcas com uma bandagem mandando-lhe que, quando saísse do recinto sagrado, tirasse a bandagem e a dedicasse ao templo. Quando chegou o dia, levantou-se e tirou a bandagem, e eis que sua testa estava livre de marcas; mas dedicou ao templo a bandagem que trazia as marcas da testa. (Groesbeck, p.76)

Minha vara guiou-me ao templo não-iniciado não só nos mistérios, mas também na luz do sol. Em ambos iniciou-me a deusa, e naquela noite soube que se livraram da noite dos meus olhos assim como também minha alma. Voltei a Atenas sem acompanhantes, proclamando a santidade dos mistérios de Deméter mais claramente com meus olhos que com minha língua.

Tabuleta em Egina

“Um cão curou um menino de Egina. Este tinha excrecência no pescoço. Quando veio ao deus, um dos cães de guarda o curou com sua língua e o deixou saudável.”

“Um homem teve o dedo do pé curado por uma cobra. Ele estava em péssimo estado por uma úlcera maligna no dedo. Foi trazido para fora pelos servos durante o dia e se encontrava sentado numa cadeira. Quando o sono se apoderou dele, veio uma cobra da câmara mais interna do santuário, curou seu dedo com a língua e voltou para lá depois disso. Quando ele acordou, estava curado e disse que tivera uma visão, sonhara que um jovem de bela aparência tinha passado um remédio em seu dedo do pé.” (Kerényi, p. 60)

A cura da menina muda

“Quando caminhava pelo santuário, ela viu uma cobra descer rastejando de uma das árvores do bosque. (fig. 16 – incluir) Tomada pelo medo, ela imediatamente grita pela mãe e pelo pai; e vai embora saudável.” (Kerényi, p. 60)

“Pamphaes de Epidauro, ulcera devoradora dentro da boca – Ele teve, enquanto dormia na câmara mais interna do santuário, uma visão: sonhou que Deus abriu sua boca, separou as mandíbulas com uma cunha e limpou a boca, após o que ele se curou” (p. 61).

Nikesibule de Messene dormiu no santuário para obter a benção de filhos, e teve um sonho. Sonhou que o deus foi ao seu encontro com uma cobra que o seguia, e com esta ela teve um intercuro. E dentro de um ano gerou dois meninos.” (p. 63)

Andrômaca de Épiro – “Ela estava dormindo na sala interna do santuário e teve um sonho: sonhou que um belo rapaz a descobria, depois o deus a tocou com a mão. Em seguida, Andrômaca concebeu um filho de seu marido, Arribas, o rei de Épiro.” (p. 63)

7.4 Relato da experiência de incubação de Timarco no oráculo de Trofônio

Este relato detalhado de uma experiência de incubação segundo os rituais do oráculo de Trofônio encontra-se numa passagem de Plutarco, e é transcrito aqui na íntegra, por tratar-se de documento único de uma experiência dessa natureza, segundo Meier “Uma visão que tem a qualidade de um “grande sonho”. A visão, com seu simbolismo de desintegração e reintegração, leva todas as marcas de uma iniciação no mistério da morte.

Timarco... desejava muito conhecer o que realmente significava o Divino Sinal [*daimonion* em grego] de Sócrates, e assim, como generoso jovem disposto ao gosto da filosofia, não tendo informado a ninguém a não ser a Cebes e a mim mesmo [Símias] de seu

plano, desceu à caverna de Trofônio, depois de cumprir os ritos usuais do oráculo. Duas noites e um dia permaneceu lá em baixo; e quando muita gente já o tinha dado por morto, e sua família já começara o luto por ele, subiu de madrugada muito radiante. Ajoelhou-se para o deus, depois caminhou através da multidão, e relatou-nos muitas coisas maravilhosas que vira e ouvira. Ele disse que quando desceu à câmara oracular, primeiro se viu envolvido por grande escuridão; então, depois de uma prece, ficou por muito tempo sem consciência clara se estava acordado ou sonhando; apenas imaginava que recebera um golpe na cabeça, enquanto lhe chegava à cabeça um barulho surdo, tendo então se rompido as suturas permitindo à sua alma sair para fora. Quando ela passava para cima, alegrando-se por misturar-se com o ar puro e transparente, pareceu-lhe primeiro aspirar profundamente depois da compressão apertada por que passara, e tornar-se maior que antes, como quando se enfuna a vela do navio. Então ouviu indistintamente um zumbido acima de sua cabeça, do qual veio uma voz suave. Olhou para cima e não viu terra nem lugar nenhum, somente ilhas brilhando como chamas de fogo, de tempo a tempo mudando entre si de cor, como se fossem revestidas de corante, enquanto a luz se tornava como lantejoulas na transição. Pareciam ser inumeráveis e enormes, nem todas iguais mas todas igualmente circulares. Ele pensou que, à medida que estas se moviam, havia ruído correspondente do ar, a suavidade daquela voz que saía como melodia de tudo harmonizava-se com a suavidade do movimento. Pelo meio das ilhas um mar ou lago se entremesclava, todo brilhante com as cores que se intermisturavam acima de sua superfície cinza. Algumas ilhas pequenas flutuavam em rota estreita e eram transportadas através da corrente; outras muitas eram arrastadas pela correnteza, sendo quase submersas. O mar era muito fundo em algumas partes na direção do sul, mas havia muitos lugares rasos, e muitas vezes esparramava-se eles em certos lugares e, retirando-se, deixava-os novamente secos, não havendo nenhuma maré vazante forte. A cor era em certos lugares pura como a do mar aberto, em outros era turva e pantanosa. Na medida que as ilhas passavam pela quebração das ondas, nunca voltavam a seu lugar de partida nem descreviam círculos, mas variavam levemente seus pontos de impacto, descrevendo espiral contínua na medida que iam e vinham. O mar estava inclinado para a parte mais ou menos do meio e mais alta do firmamento que abrangia pouco menos que oito nonos do todo, como se lhe pareceu a ele. Ele tinha duas aberturas que recebiam rios de fogo jorrando de lados opostos, que se arremessavam no meio das espumas, tornando-se branca sua superfície cinza. Foi

isso que ele viu e gostou do espetáculo; mas quando voltou os olhos para baixo, apareceu uma grande fenda redonda como que talhada de uma esfera; era estranha e terrível e inteiramente escura, não em repouso mas amiúde se agitando e avolumando-se; de onde se ouviram rugidos e gemidos sem conta de animais, e choros inumeráveis de crianças, com o que se misturavam gritos de homens e mulheres, sons confusos de toda sorte, e agitações vindas indistintamente do fundo distante, para sua não pequena consternação. O tempo passava, e uma pessoa invisível disse-lhe: “Timarco, o que você quer saber?” “Tudo”, respondeu ele, “porque tudo é assombroso”. “Nós”, disse a voz, “temos pouco que ver com as regiões lá de cima; elas pertencem a outros deuses; mas a província de Perséfone, que administramos, sendo uma das quatro limitadas por Estige, você poderá inspecionar se quiser”. À sua pergunta “O que é Estige?”, “Um caminho para Hades”, foi a resposta, “e ele passa logo do lado oposto, fendendo a luz em seu próprio vértice, mas vindo, como você vê, do Hades lá de baixo; e onde toca a luz em sua rota delimita a região mais remota de todas. Ora, há quatro primeiros princípios de todas as coisas, o primeiro a vida, o segundo o movimento, o terceiro o nascimento, o quarto a morte. O primeiro liga-se ao segundo pela Unidade, no Invisível: o Segundo ao terceiro pela Mente, no sol: o terceiro ao quarto pela Natureza, na lua. Sobre cada uma dessas combinações preside um Fado, filho da Necessidade, e Ihe guarda as chaves; do primeiro é Atropos, do segundo é Cloto, do pertencente à lua, Laquese, e aí está o momento decisivo do nascimento. Pois as outras ilhas contêm deuses, mas a lua, que pertence a espíritos terrestres, somente evita Estige por leve elevação, e é pega uma vez em cento e setenta e sete medidas secundárias. Enquanto Estige se move sobre ela, as almas gritam alto de terror; pois muitas escorregam dela e são pegas por Hades. Outros a lua os conduz para o alto desde baixo, e eles se voltam para ela; e para esses a morte coincide com o momento do nascimento, exceto aqueles que são culpados impuros, aos quais não se permite aproximar dela, caso em que ela faísca e brame terrivelmente, lamentando sua sorte enquanto eles escorregam e são levados para baixo para outro nascimento, como você vê”. “Mas eu não vejo nada”, disse Timarco, “a não ser muitas estrelas tremendo em redor da baía, outras mergulhando nela, outras ainda movendo-se rapidamente vindo de baixo”. “Então você está vendo os próprios espíritos”, disse a voz, “ainda que não saiba. É assim: toda alma participa da mente, não há nenhuma irracional ou sem mente; mas muita alma como está misturada com carne e com afetos é alterada e volta-se para o irracional por suas sensações de

prazeres e dores. Mas o modo de mistura não é o mesmo para todas as almas. Muitas estão mergulhadas inteiramente no corpo, e são perturbadas por paixões por todo o seu ser durante a vida. Outras estão em parte misturadas com ele, mas deixam de fora sua parte mais pura, que não se deixa arrastar para dentro dele mas é como que um salva-vidas que flutua na superfície e toca a cabeça da pessoa que mergulhou no fundo, com a alma aderindo a seu redor e sendo mantido de pé, enquanto muita coisa dele é sustentada na medida que obedece e não se deixa dominar pelas afecções. A parte que é levada para baixo da superfície dentro do corpo é chamada alma. A que é deixada livre de dissolução a maioria das pessoas chama de mente, tomando-a como sendo algo dentro delas mesmas, assemelhando-se às imagens refletidas nos espelhos; mas os que estão bem informados sabem que ela está fora delas mesmas e a ela dirigem-se como a um espírito. As estrelas, Timarco”, continuou a voz, “que você vê extintas, deve pensar que são almas inteiramente mergulhados nos corpos; aquelas que dão luz de novo e brilham de baixo para cima, sacudindo, como se fosse lama, uma espécie de treva ou obscuridade, são aquelas que de novo velejam para cima fora de seus corpos depois da morte; estas que partiram para cima são espíritos, e pertencem a homens que se dizem ter compreensão. Tente ver claramente o laço pelo qual se liga à alma!” Ouvindo isso, ele prestou mais atenção, e viu as estrelas movendo-se, umas mais, outras menos, como vemos as cortiças que marcam as redes sobre a superfície do mar; mas algumas, como as lançadeiras usadas nos teares, em figuras confusas e irregulares, não são capazes de colocar o movimento em linha reta. A voz disse que as que mantêm movimento reto e ordenado são pessoas cujas almas foram bem conduzidas com alimento e treinamento adequados e não permitem que sua parte irracional seja muito dura e grosseira. Aquelas que se inclinavam muitas vezes para cima e para baixo de maneira irregular e confusa, como cavalos recusando cabresto, representam as que lutam contra o jugo que modera os desobedientes e mal-treinados por falta de educação; às vezes conseguindo domínio e virando para direita; às vezes inclinados pelas paixões e arrastados para pecados, às vezes resistindo e opondo-se a eles. O laço de ligação, como freio colocado na parte irracional da alma sempre que ela resiste, traz arrependimento, como o chamamos, dos pecados, e vergonha de todos os prazeres ilegais e intemperados, sendo realmente dor e golpe infligido por ele na alma quando ela se deixa tomar por aquilo que a domina e regula, até que a longo prazo, sendo assim punida, torna-se obediente ao freio e familiarizada com ele, e então, como criatura

amansada entende rapidamente, sem pancada nem dor, o espírito por sinais e acenos. Estes então são levados, a longo prazo e paulatinamente, a seu dever. Os que são dóceis e obedientes a seu espírito desde seu primeiro nascimento formam a classe profética e inspirada, entre as quais está a alma de Hermodoro de Clazomene, de quem certamente você ouviu falar; como ela teria deixado o corpo inteiramente, indo perambular por vastas regiões dia e noite e tendo depois retornado, após ter estado presente muito longe onde muitas coisas eram ditas e feitas, até que o inimigo encontrou o seu corpo, traído por sua mulher, e deixado em casa desertado por sua alma, e o queimou. Ora, essa parte não é verdadeira; a alma não costuma sair do corpo; mas por sempre ceder ao espírito, e soltando o laço de ligação, deu-lhe ele constante liberdade para perambular por aí, de forma que ela viu e ouviu e narrou muitas coisas do mundo de fora. Mas aqueles que destruíram o corpo enquanto ele estava adormecido estão pagando a pena até hoje no Tártaro. Tudo isso, meu jovem, saberás mais claramente no terceiro mês a partir de hoje; agora vai-te!” Quando cessou a voz, Timarco quis voltar-se, disse ele, para ver quem era o locutor; mas sua cabeça voltou a doer violentamente, como se fosse apertada com força, e não pôde mais ouvir nem perceber qualquer coisa que se passava a seu redor; depois, porém, voltou a si e viu que estava deitado na caverna de Trofônio, perto da entrada onde fora antes sugado para baixo.

23. Este foi o relato de Timarco. Quando ele morreu tendo voltado para Atenas no terceiro mês depois de ouvir a voz... (da tr. Ingl. De Lacy e Einarson, Loeb Library) (Meier, 102-6)

8. SONHOS NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

“...ela [a psicologia] se vê diante de uma infinidade de dados irracionais em perpétua mutação, porque a alma humana é talvez a coisa mais opaca, mais impenetrável e mais inabordável que o pensamento jamais estudou.”(Jung, 8/2, § 530)

Não soubéssemos que Jung nunca desistiu de sua investigação da alma humana, o trecho acima poderia nos levar a acreditar que ele jamais ultrapassou a superfície e vislumbrou a profundidade do seu objeto de estudo. Na época em que escreve “Da essência dos sonhos” Jung coloca o exame dos sonhos como um dos delicados problemas da psicologia, tarefa de uma vida inteira a ser desempenhada por alguém no futuro. Apesar dessa afirmação eles já representavam fonte importante de dados sobre a relação consciente/inconsciente na formulação de sua própria teoria da estrutura e dinâmica da psique em sua manifestação saudável ou patológica.

Atualmente, não só as diferentes abordagens da psicologia, mas também a medicina, mais especificamente a neurologia, se ocupam da contínua investigação, formulação de hipóteses e aplicações terapêuticas dos seus achados no estudo do sono e dos sonhos. Cada uma parte de uma compreensão diferente da sua origem e finalidade, mas todos parecem concordar que é um fenômeno natural e essencial na vida e na manutenção da saúde física e mental de seres humanos, assim como das aves e outros mamíferos.

Desde que se desenvolveram estudos de mensuração das ondas cerebrais eletromagnéticas durante o sono, constatou-se que estas oscilam, apresentando variações e fases que se alternam repetindo ciclos de duração variável durante um único período de sono. Verificou-se também que há uma relação entre a variação e uma fase do sono em que a pessoa adormecida apresenta movimentos nos olhos, que foi chamada de fase REM (Rapid Eye Movement). Grosso modo, denomina-se de fase REM e NREM do sono, que ocorrem numa proporção aproximada de 25% e 75% respectivamente.

A intensidade das ondas cerebrais verificadas durante a fase REM são compatíveis com os níveis de atividade em estado de vigília. Apesar dessa semelhança, aquele que dorme não poderá ser despertado facilmente durante essa fase do sono, razão pela qual foi chamado de sono paradoxal. Com o avanço das

pesquisas, verificou-se que os sonhos ocorrem durante a fase REM do sono, e que ela se repete algumas vezes durante uma única noite de sono. (Penna, 2014, p.107)

Sabe-se hoje também que a privação do sono REM tem impacto em funções orgânicas vitais como equilíbrio, orientação espacial, humor e até na imunidade, para citar alguns. Isso deixa claro que o equilíbrio na relação sono/vigília é muito importante para a manutenção da saúde física e mental. Gallbach comenta que os achados de tais estudos invertem a noção de Freud sobre a relação entre sono e sonho, de “sonhamos para dormir”, em “dormimos para sonhar”. Como complemento natural e indispensável de nossa atividade no período de vigília, o sono e os sonhos permitem que ocorra uma outra elaboração desses conteúdos diurnos, onde o sono funciona como guardião do sonho(Gallbach, 2000).

“Por mais que os sonhos se refiram a uma determinada atitude da consciência do sonhador e a uma situação psíquica particular, suas raízes mergulham profundamente no subsolo obscuro e dificilmente conhecível de onde emergem os fenômenos da consciência... Como o sonho constitui uma expressão extremamente frequente e normal da psique, é ele que nos fornece a maior parte do material empírico para a exploração do inconsciente”(Jung, 8/2, § 544).

Nossas atividades consciente e inconsciente estão em constante funcionamento e contato. Diferentemente do que acontece durante o período de vigília em que a consciência como que ofusca o inconsciente, durante o sono a atividade inconsciente (Penna chama de processo psíquico inconsciente) fica mais ativada e em contato com o consciente, facilitando que conteúdos mais profundos emergam. Desse contato nascem os sonhos, com sua raiz no inconsciente, composto de dados irracionais e elementos de nossas percepções diurnas. A atividade onírica está presente nas diversas fases de sono REM, mesmo que não tenhamos acesso a seu produto. Somente poderá ser objeto de estudo o que conseguirmos recordar e contar ao acordar, e que chamaremos de sonho. “Os sonhos são o produto do sonhar que nos alcança”(Penna, Sonhos ns Psicologia Junguiana, 2014, p. 109).

O conteúdo de nossos sonhos continua reverberando durante a vigília, eventualmente causando alguma forte impressão, seja por nos deixar com uma sensação boa, seja uma sensação ruim como nos pesadelos. (Gallbach, 2014, p.18) Poderíamos dizer que esse fato se relaciona com uma questão fundante do

pensamento de Jung que também se verifica em relação à função dos sonhos, que é a de que nossa psique busca constantemente o equilíbrio entre polaridades. Essa dinâmica também está presente nos sonhos, quando ocorre algum desequilíbrio entre a atitude consciente e a atitude inconsciente do sonhador. Caso ele esteja apresentando uma atitude unilateral em qualquer aspecto de sua vida, o sonho poderá refletir isso e produzir um conteúdo com função compensatória.

Dada também a frequência dos sonhos, ainda na perspectiva de sua função compensatória, seus conteúdos apresentarão os mais variados graus de sintonia entre a consciência e o inconsciente, mas sempre refletirão a busca da homeostase, "...uma confrontação e uma comparação entre diferentes dados ou diferentes pontos de vista, da qual resulta um *equilíbrio* ou uma *retificação*."(Jung, 8/2, § 545) .

A percepção e compreensão dos conteúdos dos sonhos e seu significado podem ter uma importância e alcance ainda maiores na vida desperta. Frequentemente os sonhos nos chegam como ilógicos e incompreensíveis, porém, eles são potenciais promotores de equilíbrio quando possibilitam que um importante material inconsciente alcance a consciência do sonhador. É através desse contato que se estabelecem trocas que podem favorecer que se operem modificações na atitude consciente do sonhador. Gallbach(2000) chama de "interpenetração recíproca" o trabalho terapêutico de assimilação sucessiva dos símbolos e conteúdos oníricos.

"Seu efeito é diminuir a dissociação da personalidade em face diurna e noturna. Isso significa a harmonização das várias polaridades da personalidade – consciente-inconsciente, corpo- psique, individual-coletivo – conduzindo à realização cada vez mais completa do indivíduo. É o que chamamos individualização." (Gallbach, 2014 ,p. 26)

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que nunca te esqueças das dores do mundo

“O paradoxo de que aquele que está sempre curando permanece eternamente doente ou ferido, parece estar no centro do mistério da cura. Na verdade, o princípio subjacente deste mistério é ‘simplesmente o conhecimento de uma ferida também experimentada, e de modo permanente, por aquele que cura’”(Kerényi, apud Groesbeck)

O texto sobre o arquétipo do médico ferido e sua conexão com as dinâmicas transferenciais no processo terapêutico foi meu ponto de partida para pesquisar os rituais de incubação de sonhos. Desde sempre me interessei por sonhos; os meus próprios e os que as outras pessoas me contavam, muito antes de pensar em estudar psicologia, muito menos achar que podia interpretá-los. Minhas leituras anteriores sobre sonhos e interpretação de sonhos nunca tinham esbarrado no tema da incubação de forma que chamasse minha atenção. Ter lido que os sacerdotes gregos de alguma forma pareciam poder provocar sonhos de cura me fez querer mergulhar mais fundo no assunto.

As pesquisas me levaram primeiramente aos autores que foram referenciados para o texto de Groesbeck, C. G. Meier e Karl Kerényi. Num primeiro momento estava interessada em tentar entender que tipo de interpretação que se dava aos sonhos que permitia saber que a cura se daria. Depois, quanto mais lia mais me interessava o ritual em si, que me levaram a pensar quais seriam os elementos envolvidos no processo que culminava num sonho de cura.

Transportada pela leitura eu tentava me colocar mais próxima da experiência daqueles que peregrinavam até o santuário, imaginando os percalços do caminho, a dificuldade da subida até os templos que ficavam no alto de um monte, a travessia de uma floresta, a sacralidade que envolvia o lugar, a esperança de cura e a crença nos poderes sobrenaturais da divindade. Como não sentir o quanto tudo isso tinha um papel fundamental na predisposição do paciente à cura.

Segui também alguns sinais tanto nos textos gregos, mas especialmente nos egípcios, que apontam para o uso de palavras de poder e de cura, não no sentido que entendemos hoje, da cura pela fala desde Freud, mas algo anterior, atribuído à esfera do divino, que era eventualmente revelado para alguns poucos iniciados nos mistérios.

Isso e o uso da linguagem na interpretação dos sonhos, os “trocadilhos” repletos de significado, das palavras em conexão com os símbolos presentes nos mitos e nos sonhos, tanto no grego mas de forma mais explícita no caso dos hieróglifos egípcios, mostraram-se assuntos interessantíssimos e amplos demais para serem abordados apenas de forma superficial aqui. O estudo da sagrada e secreta palavra de cura que vai se transformando na cura pela palavra fica para um próximo trabalho.

Voltando para o foco nas práticas dos santuários gregos, foi surpreendente e ao mesmo tempo positivamente previsível saber que Meier, inspirado nos rituais de incubação de sonhos da Grécia, fundou em Zurique uma Clínica e Centro de Pesquisa em Psicologia Junguiana – Klinik am Zürichberg, que funcionava como um centro de pesquisa do sono e dos sonhos, onde Marion Gallbach nos conta ter tido o privilégio de trabalhar. A clínica,

“...um espaço especial e protegido, um *temenos* no qual o doente poderia chegar a termos com sua doença e ao reconhecimento e integração dos seus complexos; ou seja, um espaço em que a patologia não fosse somente vista de modo diagnóstico, mas também simbólico” (Gallbach, 2014, p 52)

E o que pode significar curar-se hoje? Talvez a mesma coisa de sempre. Como na antiguidade, livrar-nos de doenças e limitações que nos impedem de realizar todo nosso potencial. A psicologia analítica entende que uma vida significativa implica estarmos sintonizados com nossa natureza mais profunda, possibilitando que conteúdos inconscientes emerjam e possam ser elaborados e assim incorporados à consciência. Um trabalho terapêutico de longa duração, levado adiante corajosa e persistentemente - o próprio Jung fala da coragem e da determinação necessárias com a autoridade de quem passou pelo processo – pode eventualmente levar àquele que se propõe a trilhar o caminho, à individuação.

Como individuação é tarefa de uma vida inteira e não é para qualquer um, livrar-se de uma neurose, de uma insônia ou enxaqueca, conseguir alguma ampliação da personalidade que ajude a lidar melhor com os enfrentamentos da vida parecem já ganhos significativos do e no processo, mesmo que realizado apenas parcialmente. Para isso, desde Egito e Grécia, e ainda hoje, os sonhos são fonte de matéria-prima preciosa para esse trabalho.

O que eu gostaria de ressaltar a partir do que foi exposto é a importância do terapeuta como coparticipante no processo terapêutico do paciente. Essa parceria parece ter um maior significado para ambos se houver confiança e cumplicidade. Além

disso, uma postura de humildade frente aos conteúdos do paciente e a não supervalorização do conhecimento técnico, como fazia Jung quando pensava enquanto ouvia um relato de sonho: “Não sei absolutamente nada do que se trata esse sonho”. Ou como nos relata Gallbach sobre sua abordagem de vivência de sonhos via *Imaginação Corpo-Ativa*: o sonho representa uma totalidade que não se revela imediatamente. “Há que se tolerar a angústia do não saber” e esperar que o significado brote e o paciente entenda seu significado.

Essas atitudes parecem refletir um pensamento simples e claro, explicitado por von Franz de que o sonho é “uma mensagem única para uma pessoa única”(Gallbach, 2014, p.58), o que parece pedir de nós terapeutas uma postura de neutralidade e receptividade desde sempre apregoada mas nem sempre fácil de ser praticada, frente ao surgimento e processo de elaboração de conteúdos inconscientes valiosos, e nem por isso agradáveis e de fácil digestão e incorporação à consciência. Ficar atento a sinais e sincronicidades e aguardar silenciosamente o desvelamento do que precisa aparecer por si em/no si mesmo, não é uma posição fácil de sustentar.

Penso que é onde poderíamos nos aproximar dos sacerdotes, com uma atitude que seria desejável na prática clínica. Essa atitude não tem nenhuma relação com acharmos que somos santos, melhores ou maiores do que aquele outro ser humano que está na nossa frente e que veio em busca de ajuda. É uma sacralização do que há de mais pessoal e genuíno no paciente, e que deve poder emergir sem a interferência de nossas projeções ou de técnicas que se sobreponham à possibilidade de um encontro terapêutico genuíno e fértil.

REFERÊNCIAS

ALLEN, J. P. "Middle Egyptian – An introduction to the Language and Culture of Hieroglyphs". Cambridge: Cambridge University Press 2001. 510 págs.

GALLBACH, M. R. "Aprendendo com os sonhos". São Paulo: Editora Paulus 2000. 242 págs. (Coleção Amor e Psique)

GALLBACH, M. R. O potencial de cura dos sonhos e a eficácia terapêutica dos grupos de vivencia de sonhos. In: Durval Luis de Faria, Laura Villares de Freitas, Marion Rauscher Gallbach (orgs.). "Sonhos na psicologia junguiana". São Paulo: Paulus, 2014. p. 49-78. (Coleção Amor e psique)

GRIMAL, Pierre; "Dicionário da mitologia grega e romana". Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., s/d

GROESBECK, C. J. "A imagem arquetípica do médico ferido". In: Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Vol. 1, n.º 1, p. 72-96, 1983.

HARRISSON, J. "The classical Greek practice of incubation and some Near Eastern predecessors" 2009 Disponível em:

<http://www.academia.edu/277934/The_Classical_Greek_Practice_of_Incubation_and_some_Near_Eastern_Predecessors> Acesso em: 06.03.2015

JUNG, C. G. Chegando ao Inconsciente. In: JUNG, C.G. (Org.) "O homem e seus símbolos". Editora Nova Fronteira, s/d. Edição especial brasileira, 17.a impressão. págs. 20-103

JUNG, C. G. "Face to Face" – John Freeman interviews Carl Gustav Jung

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FPGMWF7kU_8

Acesso em: 13.12.2014

JUNG, C. G. “Fundamentos de Psicologia Analítica: As Conferências de Tavistock”. Petrópolis: Editora Vozes 1972. 239 págs. (Coleção Psicanálise)

KERÉNYI, Karl; “Arquétipos da Religião Grega”. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2015.

MEIER, C. A. “Sonho e ritual de cura: incubação antiga e psicoterapia moderna”. São Paulo: Editora Paulus, 1999. 162 págs. (Coleção Amor e Psique)

MENEZES, A. B. “O Sonho e a Literatura: Mundo Grego”.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642000000200012> Acesso em: 15.03.2015

OPPENHEIM, L. O. “The interpretation of dreams in the ancient Near East, with a translation of an assyrian Dream Book”. University of Chicago 1956. 373 págs

PENNA, E. M. D. As mensagens dos sonhos: traduzir e compreender – processamento simbólico arquetípico. In: Durval Luis de Faria, Laura Villares de Freitas, Marion Rauscher Gallbach (orgs.). “Sonhos na psicologia junguiana”. São Paulo: Paulus, 2014. p. 106-131. (Coleção Amor e psique)

REFERÊNCIAS - IMAGENS

Figura 1. A Cura de Asclépio – Oráculo de Epidauro. Disponível em: <http://www.thenationalherald.com/117296/the-ancient-greek-healing-tradition/> (Acesso 12.06.2016)

Figura 2. Asclépio jovem - Cópia romana. Museu Vaticano. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Apolo#/media/File:Escul%C3%A1pio_jovem_-_braccio_nuovo.jpg (Acesso 19.11.2016)

Figura 3. Estátua de Asclépio do Asclepieion de Epidauro - National Archaeological Museum, Athens Photo: © [Wikimedia Commons](#). Disponível em: <http://www.gtp.gr/TDirectoryDetails.asp?ID=14656> (Acesso em 19.11.2016)

Figura 4. Relevô de Asclépio e Higiéia alimentando a serpente. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Asclepius_and_hygieia_relief.jpg (Acesso em 02.09.2016)

Figura 5. Epidauro – Templo de Asclépio. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/alxaris78/3906410097/in/photostream/> (Acesso 02.09.2016)

Figura 6. Santuário de Asclépio em Epidauro. Disponível em: whc.unesco.org/en/documents/131657 (Acesso 02.09.2016)

Figura 7. Mosaico do Asclepieion de Cós – Hipócrates dando boas vindas a Asclépio Disponível em: <http://www.wikiwand.com/es/Asclepeion> (Acesso em 02.09.2016)

Figura 8. Tholos de Epidauro – Plano do piso e cote diagonal. Disponível em: <http://www.crfaster.com.br/Epidauros.htm> (Acesso em 02.09.2016)

Figura 9. Plano do Santuário de Asclépio em Pergamo. Disponível em: http://www.deeperstudy.com/link/pergamum_aesklepion_plan.html (Acesso em 19.11.2016)

Figura 10. Ruínas do Tholos de Epidauro. Disponível em:

<http://www.righel40.altervista.org/Epid/EpAscl.htm> (Acesso em 02.09.2016)

Figura 11. Ruínas do Tholos de Delfos. Disponível em:

<https://br.pinterest.com/pin/328551735288300174/> (Acesso em 19.11.2016)

Figura 12. Labirinto da Catedral de Chartres com pessoas andando.

Disponível em: http://www.catechesiverona.it/wp-content/uploads/2015/12/2015-10-22_ChartresCathedral_EN-AU10406632878_1920x1080-300x168.jpg (Acesso 19.11.2016)

Figura 13. Desenho do Labirinto de Chartres.

Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Chartres_Cathedral
(Acesso em 19.11.2016)

Figura 14. Labirinto no piso Catedral Notre Dame d'Amiens. Disponível em:

<http://www.gnosisonline.org/wp-content/uploads/2012/06/arte-gotica-amiens-nave-central-perspectiva-superior-gnosisonline-171x240.jpg>
(Acesso em 19.11.2016)

Figura 15. Labirinto no piso da Basílica de San Vitale, Ravenna, Itália. Disponível em:

<http://www.labolab.net/laberintos-en-iglesias-y-catedrales/>
(Acesso 19.11.2016)

Figura 16. Mandalas no piso da Catedral de Santa Maria dei Fiore – Firenze – Itália.

Disponível em: <http://travelinfo.pro/media/upload/feed/photo/6fe4cede-08b9-4f06-8fe2-62d77f508252.JPG>
(Acesso em 02.09.2016)

Figura 17. Ex-voto dedicado a Esculápio, com a inscrição: *Tyche (oferece isto) para Esculápio e Higéia como agradecimento* Mármore, c. 100–200 d.C.

Museu Britânico Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Escul%C3%A1pio#/media/File:Votive_relief_Asklepios_BM809.jpg (Acesso em 19.11.2016)

Figura 18. Relevo votivo dedicado a Asclépio. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Escul%C3%A1pio#/media/File:Votive_relief_Asklepios_BM809.jpg (Acesso em 19.11.2016)